

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE:

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrasado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Arthur Barreiros—Historia dos sete dias—Ainda o « Pacliderme »; Valentim Magalhães—Politica e politicos; Petit-Pitt—Arthur Barreiros; Machado de Assis—O Carnaval—«Andorinha, que emigra», soneto; L. Delphinio—Soceorros à Andaluza—Bando precatório—Bolos; Chico Fêrula—A vida elegante; Longuon—Mattos, Malta ou Matta? (Novas revelações)—Tratos á bola, D. Pastel—Recebemos—Titania, soneto; Alberto de Oliveira—Correio—Consultas—Anuncios.

A SEMANA

Rio, 21 de fevereiro de 1885.

ARTHUR BARREIROS

Falleceu no dia 17 do corrente, ás 6 horas da tarde, victima de uma affecção pulmonar, o nosso illustre confrade e estimado amigo Arthur Barreiros.

Desde muito moço que manifestou decidida vocação pelas letras. Cultivou-as sempre com o carinho, o cuidado e o respeito que caracterizam os verdadeiros temperamentos litterarios.

Collaborou em muitos jornaes diarios e semanacs; entre outros:—*O Bezouro*, do qual foi um dos redactores effectivos, *Csmedia Popular*, *Combate*, *Revista Brasileira*, *Gazetinha*, de que foi fundador com Arthur Azevedo, *Reporter*, *Gazeta da Tarde*, *Penna e Lapis*, de que foi tambem fundador, *Estação*, em que escreveu assiduamente até pouco antes de enfermar, *Galeria Contemporanea*, que foi tambem criação sua, e ultimamente trabalhava na redacção d'*O País*.

Pretendia publicar este anno em volume muitos dos seus artigos criticos e litterarios e já havia preparado a collecção para entrar no prelo.

O livro de Carvalho Junior, intitulado *Parisina*, foi publicado a exorçoes de Arthur Barreiros, que lhe escreveu uma extensa prefacção, notavel pela elevação critica dos conceitos e pela elegancia e correcção da fórma.

Arthur Barreiros era um talento observador, paciente, estudioso e meditativo.

Amava sinceramente as letras e os seus grandes homens.

Um pronome mal collocado na oração irritava-o a ponto de lhe dar febre e enthusiasmava-se, contentissimo, deante de um trecho de Machado de Assis ou de um soneto de Luiz Delphinio.

Era modesto, probo e affectuoso.

Sobre o seu illibado caracter jámais pairou a sombra de uma suspeita, sequer de uma duvida.

Seu passamento representa uma perda enorme para as nossa pobre litteratura e abre um claro imprehenhivel nas fileiras da moderna geração litteraria, tão

rarcadas já pela partida de Ferreira de Menezes, de Hugo Leal, de Arthur de Oliveira, de Adelino Fontoura e de outros.

Ao seu enterro compareceram varios amigos, entre os quaes—Luiz Delphinio, Machado de Assis, Arthur Azevedo e Afonso Celso Junior.

Das redacções fizeram-se representar *O País*, a *Vespa* o *Mequetrefe*, a *Estação* e a *Semana*, pelo seu director.

Não havendo este conseguido chegar a tempo de acompanhar o feretro, apresentou á desolada viuva do illustre escriptor os seus profundos e sinceros pesames por tamanha perda.

Sobre o caixão foi depositada pelo representante da casa Lombaerts, editora da *Estação* uma formosa grinalda.

A redacção d'*A Semana*, compungida e enlutada pelo fallecimento de Arthur Barreiros, apresenta de novo as suas condolencias á sua Exma. familia e á patria.

Os amigos e companheiros do saudoso morto pretendem fazer resar uma missa de septimo dia, na intenção de por esse modo manifestar a sua estima, a sua saudade e o profundo pesar que sentem pelo seu passamento.

Em outro lugar d'esta folha encontrará o leitor algumas linhas de Machado de Assis, o illustre mestre, sobre esse seu e nosso inditoso amigo.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Antes de começarmos esta chronica de-alinhavada, temos que fazer uma declaração.

Alguns espiritos malignos e mal intencionados insinuaram que nas palavras com que na *Historia dos Sete Dias* do nosso numero passado sublinhamos a manifestação feita por empregados do commercio ao Sr. senador João Alfredo, quizeramos lançar o ridiculo sobre o Sr. Paula Ney.

Só quem desconhecer o espirito de isenção, e o timbre de urbanidade que preside á factura desta secção d'*A Semana*, poderá suppor semelhança desrespeito a uma pessoa que presamos e acatamos por motivos muito ponderosos, quaes sejam os da amizade, da confraternidade e da admiração pelo talento.

Que o Sr. Paula Ney se tranquillise, pois, a nosso respeito, porque a nossa intenção não lhe foi, nem lhe poderia ser hostil.

Achámos graça no facto e só levámos a presença do digno jornalista na manifestação á conta de uma rapaziada nada estranhavel no seu caracter folgasão, singular e original.

Amigos, pois, como sempre.

Em vista da deficiencia do espaço que se nos offerece neste numero, passaremos pelos acontecimentos da semana como gato por brisas:

— Dia 13. O Sr. Cesario Alvim, presidente da provincia do Rio de Janeiro, convoca para o dia 9 de Março a assemblea provincial, por 20 dias, para concluir os seus trabalhos com relação ás vias ferreas e á immigração.

Parabens ao thesouro provincial e aos povos de Niethecoy.

— Chega de Pelotas um telegramma participando a fundação n'aquella cidade de uma Sociedade de Immigração, filial á d'esta córte.

— Dia 14. Passa pelo Rio de Janeiro a celebre Mme. Lynch, antiga companheira de Lopez, o formidavel heroe do Paraguay.

Não se sabe o que ella vae fazer á Europa, mas, pela noticia da *Gazeta*, sabe-se que « é uma mulher alta, gorda, de physionomia intelligente e que ao mesmo tempo denota severidade. »

Já não é pouco. Podia ser haixa, magra, de physionomia estúpida e que denotasse mansuetude. Mas não é. Tranquillisemo-nos.

— E' dada ao archi-poly-commandador Sr. Malvino da Silva Reis a vara de subdelegado da freguezia do Espirito-Santo.

Agora é que a freguezia vae ver o diabo! O energico subdelegado ha de fazer tremer não só o Espirito-Santo, como tambem o Padre e o Filho!

— Morre em Paris o famigerado jornalista radical Jules Vallés, uma das primeiras figuras da imprensa da França. Era actualmente redactor do *Cri du Peuple*, jornal intransigente.

Dia 16—Noticiam as folhas que o Sr. ministro da justica está preparando um novo regulamento para o corpo policial da córte, que vae ser augmentado, visto ir ser extincta a guarda urbana.

Vamos perder o que ainda nos restava de pittoresco na nossa organização policial.

Quem se encarregará agora de eshor-doar a gente e trucidar os Maltas?

E' natural que o povo tenha graves apprehensões a este respeito!

Queridos *urbanos*, adeus!
Que a farda vos seja leve.

Dia 17—Morre, ás 6 horas da tarde, o estimado escriptor Arthur Barreiros, um apurado cultor da fórma e cuidadoso adorador da lingua portugueza, que elle tratava como poucos da actual geração. Damos artigo especial, a respeito d'este tristissimo facto.

— Chega a noticia do fallecimento em Pernambuco do maestro Francisco Libanio Colás.

Não temos elementos para offerecer aos nossos leitores a biographia d'este com-

positor de excepcional talento. Contudo, e visto que as folhas em que veiu a noticia do seu fallecimento nada disseram, informaremos o publico de que foi o maestro Colás o auctor da bellissima, original e characterisa musica da comedia *Uma vespera de Reis*, tantas vezes applaudida nos nossos theatros.

Pezames ao seu filho, o actor Colás e á Arte.

— Confirma-se a noticia do assassinato de Gordon Pachá.

— Dia 18. Sabe-se que o Sr. visconde de Itú, para commemorar o anniversario de sua esposa, offereceu á Santa Casa da Misericordia de S. Paulo a quantia de cem contos de reis.

Presente de nababo.

Bem empregado dinheiro.

Comprimntamos com entusiasmo o illustre philantropo.

— Dia 19. Fallece em S. Paulo o Sr. João Baptista Paes, um dos fundadores e proprietarios da *Gazeta do Povo* d'aquella cidade.

Apresentamos aos nossos collegas as nossas sinceras condolencias por esta sensivel perda.

— Falleceu tambem o Dr. Carlos Eboli, director e proprietario do estabelecimento hydrotherapico de Nova Friburgo.

Foi uma semana de fallecimentos. Ahi lhe fica a necrologia.

AINDA O PACHIDÉRME

AO SR. C. DE L.

Venho cumprir a promessa que fiz nas *Notas á margem* do dia 17:—venho conversar com o collega do *Microcosmo* sobre a parte que me toca do seu folhetim de domingo ultimo.

Principiarei perguntando:

Que veiu cá fazer o microcosmographo com o seu arrasoado sibyllino, inçado de púas perfidas de ironias desfarçadas sob doçuras velludas de estylo marôto?

Quem o chamou á brêcha?

Fôra porventura atacada a sua individualidade na polemica entre a *Gazeta* e o *Pachidérme*?

Foi para defender-se, a si proprio que, entrou na contenda, como os carabineiros de Offenbach:—*trop tard!*

Não.

O Sr. C. de L. não foi chamado á discussão; ninguém arranhou a delicada epiderme da sua susceptibilidade, nem aos seus direitos ou aos seus merecimentos foi desfechada nenhuma setta. O Sr. C. de L. não veiu defender-se; veiu defender o patrão.

Não direi que fez mal. S. S. lá tem as suas razões. e de bastante peso. ao que parece.

O *Pachidérme*, convencido finalmente de que nem todos os seus *escaravelhos*—psychologistas e não psychologistas—sariam capazes de me fazer mal com o bombardeio feroz das suas mortíferas *maçans*, desenganado da efficacia das descomposturas do sobrado, chamou á fala o morador do *rez de chaussée* e disse-lhe:—Debique-me em regra esse amiguinho.

C. de L., sempre obediente ao patrão. por principio e fim. obedeceu-lhe mais uma vez.

Desceu ao pavimento terreo, de cujas oito janellas semanalmente illumina com as luminarias de seu espirito esta cidade heroica; escolheu no bem provido arsenal das suas pennas a mais aguda e leve, aproximou de si um dos tinteiros, no qual se lia em uma tira de papel colada ao vidro:—«Tinta para debiques», e começou a aviar a encomenda.

Que sahiu obra fina e bem acabada, viram-n'o todos.

Aquillo é que é um debique em regra! Achei-me tão ridiculo, tão pequenino, depois delle; por tal modo envergonhei-me e arrependi-me do que escrevi contra o *Pachidérme*, que cheguei a pensar seriamente em emigrar do patrio sólo.

Demoveu-me desse proposito a consideração de que, sendo universal a fama do *Microcosmo*, em qualquer parte do mundo, por mais remota e selvagem, onde buscasse abrigo á minha *encalistracão*, ahi mesmo iria encontrar os povos agarados ao *Microcosmo* e rindo-se á minha custa. Seria peor a emenda que o soneto.

Visto isso, resolvi ficar.

E, desde que ficava, o melhor era responder, se responder é possivel, a tão monumental debicacão!

Consistiu esta em figurar que eu inhalei o «microbio odiento», um tal *Protococcus Gazetarum*, e que em vista disso fui atacado da epidemia do odio.

Pelo que, diz elle:

«Addicto á theoria parasitaria, dou, portanto, como provada a existencia do microbio odiento, um *Protococcus Gazetarum*, e, para preservar-me do mal, passo a vacinar-me odiando tambem não um regimento, que para tanto não me chegariam forças, mas um collega qualquer...

Procuo no colleguismo visinho e, em verdade, não descubro a quem possa ter raiva... Todos excellentes rapazes, amáveis na prosa, adoráveis no verso, e apenas deliciosamente implacáveis para os ausentes... E entretanto eu carecia de um inimigo, de um bom inimigo verdadeiro, ou antes de um alvo para o atrocissimo rancor que já começa a ferver-me cá por dentro!»

Tem graça ás pilhas, o endiabrado!

Afinal descobriu que odiava... o Montaury, aquelle excellent Montaury da *Gazeta* que tem umas maneiras tão bellas como... as barbas.

E exclama:

«Fiquem-n'o, pois, sabendo as myriades de assignantes da *Gazeta*: tambem eu sou jornalista, tambem eu tenho odios profundos, irreconciliáveis, fatalissimos e de longa data. Ha trinta annos que sem o dizer nem saber detesto o Sr. Montaury, da mesma *Gazeta*... Ainda tenro infante balbuciava no collo da minha ama secca—e já o citado Montaury fazia versos impossiveis, de que infelizmente nunca teve noticia o agredido. Mais tarde, na escola primaria, redigindo o *Fedelho*, jornaleco de vistas largas e programma ultra-communista, estigmatizei asperamente os barbarismos com que Montaury prefaciava a theoria grammatical do *acordar elles*... Nos bonds, ás vezes, quando me vira as costas, estendo sarcasticamente o labio inferior... Trinta annos de lutas e de insultos despercebidos! Vamos agora ver se elle espirra com esta!»

Ahi está uma parodia bem feita de t do quanto escrevi!

O Montaury e que não deve ter ficado muito satisfeito com o papel de *gato morto* que lhe distribuiu no debique o amavel e delicado C. de L. E menos ainda com esta pilheria:

«Montaury é um homem de bem, não direi de espirito, porque na imprensa todos nós o temos... Traja correctamente... *Frequenta as melhores rodas, sem fallar na dos Expostos*... Presenteia as familias distinctas com quem convive—e não conheço publicista mais amavel nem mais *discreto* orador... E contudo eu o odeio!»

Isso de dar o Montaury como frequentador da roda dos Expostos e possivel que tenha infinita graça, mas que não é infinitamente delicado, palavra, que não é.

Emfim... como é do *Microcosmo*, declaremos todos, sem pestanejar:—E' admiravel! E' engracadissimo! E' o cumulo da gentileza!

Em seguida, sempre nesse estylo de carta de alfinetes, declara uma guerra atrocissima ao estimavel *reporter* da *Gazeta*, terminando por este periodo em que concentrou toda a sua habilidade e todo o seu talento pratico de mofineiro... edictorial.

«Se amanhã elle dêr pela cousa—tanto melhor. Provados estaão os meus talentos de publicista e cada vez mais apertados os doces nós que me prendem a este *Jornal!*»

Não, meu caro C. de L., o debique é bom, tem immenso espirito, está feito com extraordinaria finura, mas não me perturba, nem me agasta. Não impedirá que eu diga mais uma vez, *carriément* todo o meu pensamento a respeito do *Pachidérme*.

Risonho ou serio, escute. A' excepção d'elle, C. de L., com quem tenho tido o prazer de conversar algumas vezes, embora ligeiramente, não tenho relações pessoases com nenhum dos redactores do *Pachidérme*.

Nem sei mesmo quaes sejam, pois que a redacção do *Pachidérme* é composta de illustres anonymos.

Os homens alli dentro nullificam-se, os nomes são trocados por numeros, como nos collegios e nas prisões, e todos trabalham no mysterio ena treva, como peças brutas de um machinismo inconsciente, para a prosperidade da *ca-a*.

Alli não medram gloriolas litterarias nem vicejam ambições intellectuaes; e trabalha se com a intelligencia como o lenhador ou o hortellão com o machado e a enxada.

Quem não quizer assim—rua!

Não falta quem queira perder o seu nome, abdicar a sua autonomia, enfiar a blusa do estabelecimento e ganhar o pão quotidiano a puchar por uma penna como esses pobres homens que ganham a vida puchando por pesadissimas carretas.

Alli não se recusam homens de talento, desde que se sujeitem, como os demais—a trabalhar como burros.

Não conheço nenhum redactor do *Pachidérme*, á excepção do Sr. Carlos de Laet que muitas vezes tem assumido a responsabilidade do *Microcosmo*.

Não é, portanto, a um redactor nem aos redactores do *Pachidérme* que odeio e faço guerra; é ao *Pachidérme*, é á esse monstro moderno que traz, como o cavallo de Troia, escondido no bojo um batalhão de homens mascarados, armados com aguçadas pennas, hervadas na peçonha do anonymo.

Os redactores do *Jornal* podem ser excellentes homens, amigos de seus amigos, tementes a Deus e ao diabo e incorruptiveis guardas nacionaes. Não o contesto. Mas não o affirmo, porque os não eonheço.

Consequentemente, o simile debicativo imaginado por C. de L. é falso, não se applica ao meu caso.

C. de L. deu agora para odiar o Montaury, da *Gazeta*; eu odeio de ha muito o *Pachidérme*, disposto embora a adorar algum ou mesmo todos os seus redactores, desde que venha a conhecê-los.

Teve graça, portanto, C. de L. mas não foi verdadeiro.

Quaes as razões porque não morro de amores pelo *Mastodonte* (para variar de nome) bem as conhece C. de L. Oh! se as conhece!

Não estivesse elle appenso a uma das patas do monstro e fôra bem possivel que as confessasse e sustentasse com-migo!...

Olhe, para que o *Pachidérme* não me agradasse bastaria o facto de noticiar o fallecimento e a chegada de quanto com-

mendador boçal e ricao lórpa vegeta por este mundo, e não noticiar nenhum acontecimento em que tomem parte homens de letras, moços de talento e reputação, adeptos de idéas adiantadas e generosas.

Um exemplinho: — *Pachiderme* deu noticia da morte de Arthur de Oliveira, porque elle, ao tempo do fallecimento, era professor substituto no collegio Pedro II, mas nenhum outro *mevecimento* lhe attribuiu alem d'esse; mas não deu noticia da morte de Hugo Leal e de Adelinio Fontoura, e agora nem uma linha dispensou ao fallecimento de Arthur Barreiros!

Quando elle se occupa com o passamento de algum escriptor e para escarrar-lhe na cova e insultar-lhe a memoria, como fez ao inditoso e grande Ferreira de Menezes.

Por hoje basta.

Adeus, meu espirituoso e estopante C. de L.

Seja gaiato, seja mesmo máusinho, se lhe apraz, mas não seja inverdadeiro e injusto.

E acredite que está bem longe de odial-o o seu entusiastico admirador debicadissimo

VALENTIM MAGALHÃES.

POLITICA E POLITICOS

CAMARA DOS DEPUTADOS

A terrivel commissão dos 5, nomeada pelo presidente da camara para apresentar a lista dos deputados liquidos, de que se tiram á sorte as tres commissões de 9 membros para verificação de poderes, apresentou no dia 18 o resultado de seu trabalho—reconhecendo liquidos 68 deputados—dos quaes—29 conservadores, 26 liberaes, 11 liberaes dissidentes e 2 republicanos.

Procedeu-se em seguida ao sorteio das commissões de inquerito, que ficaram assim constituidas:

1ª commissão: os Srs. Alvaro Caminha, Jose Mariano, José Pompeu, Joaquim Tavares, Alves de Araujo, Franklin Doria, Joaquim Pedro Soares, Bento Ramos e Mac-Dowell.

2ª commissão: os Srs. Alcoforado Junior, Antonio Carlos, Schutel, Carlos Affonso, Campos Salles, Bezamat, Bulhões Jardim, Alfredo Chaves e visconde de Souza Carvalho.

3ª commissão: os Srs. Manoel Eufrazio, Sinimbu Junior, Segismundo, Ribeiro de Menezes, Prisco Paraizo, Delfino Cintra, Martim Francisco, Anysio e Carlos Peixoto.

A sorte foi favoravel ao governo, como se póde conhecer da inspecção dessa triplíce lista. Principalmente a primeira commissão, cuja maioria é *projectista*, á excepção de dous ou tres, entre os quaes o phenomenal Jose Pompeu, um dos signatarios do projecto Dantas, e que mais tarde, por causa de uma questuncula provincial, passou para a opposição sem mais aquellas, guerreando o projecto a que havia da lo o prestigio, o assentimento e a protecção do seu nome!

Incrível sujeito!

A primeira commissão tem de examinar as eleições das provincias do—Amazonas, Pará, Maranhão, Piahy, Ceará, Rio Grande do Norte, Paralyba e Pernambuco; a segunda as de—Alagoas, Sergipe, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Paulo; e a terceira as de—Paraná, Santa Catharina, Rio-Grande do Sul, Matto-Grosso, Goyaz e Minas-Geraes.

As commissões elegeram para seus presidentes os Srs. Alves de Araujo, Carlos Affonso e Martim Francisco, e

desde o dia 19 que estão trabalhando activamente.

As cousas parece melhorarem.

Resmungam-se mesmo certos boatos sobre não sei que transacção importantissima que se está entabulando entre a dissidencia e o governo.

A *Gazeta da Tarde* deitou no dia 19 editoria encomiastico em honra do Sr. Moreira de Barros, presidente da camara, sob o titulo: *Um cartão de visita*; facto realmente espantoso para quem saiba ou se recorde ainda do que disse de S. Ex. não ha muito tempo o principal redactor d'aquella folha na *Gazeta de Noticias* e na propria *Gazeta da Tarde*.

Combinando-se essa inesperada vira volta de opinião com a partida do Sr. Moreira de Barros para Petropolis e com a sua cordura nos trabalhos da presidencia, chega se pelo menos á desconfiança de que está para haver *quelque chose* de extraordinario...

Isto não é natural...

E além d'isso, papae Dantas tem olho! Vou parafusar...

PETIT-PITT.

ARTHUR BARREIROS

Meu caro Valentim Magalhães.— Não sei que lhe diga que possa adiantar ao que sabe do nosso Arthur Barreiros. Conheçemo-lo: tanto basta para dizer que o amamos. Era um dos melhores da sua geração intelligente, estudioso, severo consigo, entusiasta das cousas bellas, dourando essas qualidades com um caracter exemplar e raro; e se não deu tudo o que podia dar, foi porque cuidados de outra ordem lhe tomaram o espirito nos ultimos tempos. Creio que, em tendo a vida repousada, augmentaria os fructos do seu talento, tão apropriado aos estudos longos e solitarios e ao trabalho polido e reflectido.

A fortuna, porém, nunca teve grandes olhos benignos para o nosso amigo; e a natureza, que o fez probo, não o fez insensível. D'ali algumas syncopes do animo, e umas intermittencias de misanthópia, a que vieram arrancal-o ultimamente a esposa que tomou e os dous filhinhos que lhe sobrevieram. Essa mesma fortuna parece ter ajustado as cousas de modo que elle, tão austero e recolhido, deixasse a vida em pleno carnaval. Não era preciso tanto para mostrar o contraste e a confusão das cousas humanas.

Não posso lembrar-me d'elle, sem recordar tambem outro Arthur, o Arthur de Oliveira, ambos tão meus amigos. A mesma molestia os levou, aos trinta annos, casados de pouco. A feição do espirito era diferente n'elles, mas uma coisa os aproxima, alem da minha saudade, é que tambem o Arthur de Oliveira não deu tudo o que podia, e podia muito.

Ao escrever-lhe as primeiras linhas desta carta, chovia copiosamente, e o ar estava carregado e sombrio. Agora, porém, uma nesga azul do céu, não sei se duradoura ou não, parece dizer-nos que nada e tá mudado para elle, que é eterno. Um homem de mais ou de menos importa o mesmo que a folha que vamos arrancar á arvore para jubear o chão das nossas festas. Que nos importa a folha?

Esta advertencia, que não chega a abater a moridade, tinge de melancolia os que já não são rapazes. Estes tem atraz de si uma longa fileira de mortos. Cada um dos recentes embra-lhe os outros. Alguns desses mortos encheram a vida com acções ou escriptos, e fizeram ecoar o nome alem dos limites da idade. Arthur Barreiros (e não é dos menores motivos de tristeza) gastou o aço em labutações estranhas ao seu gosto particular entre este e a necessidade não hesitou nunca, e acanhou em parte as faculda-

des por um excessivo sentimento de modestia e desconfiança. A extrema desconfiança não é menos pernicioso, que a extrema presumpção. «As duvidas são traidoras», escreveu Shakspeare; e podese dizer que muita vez o foram com o nosso amigo. O tempo dar-lhe-hia a completa victoria; mas o mesmo tempo o levou, depois de longa e cruel enfermidade. Não levará a nossa saudade nem a estima que lhe devemos.

MACHADO DE ASSIS.

CARNAVAL

O que houve este anno durante os tres dias consagrados ao deus Momo póde ser tudo, até uma quarta-feira de cinzas, porém carnaval, nunca!

Meia duzia da esbodegados princezes, sem dous dedos de espirito, mas com muitos—de *grammatica*; um punhado de estupidos diabinhos, e outras calamidades taes, como sejam o classico marujo, o bem conhecido typo do Castro-Urso, os silenciosos dominós de cruzado ao metro e os insupportaveis sujeitos vestidos de mulher, em fra-la de camisa; tudo isso ou isso unicamente, foi o *carnaval* de 1885, não contando com o grande logro que lhe pregou o tempo: —ser optimo.

Porque, digamos, aquelles infelizes contavam com a chuva. Elles, coitados! sem uma chuvinha não tinham o doce pretexto de carregar um pouco mais a mão no paraty.

E d'ali aquelle ar melancolico, hisborria, que se lhes notava em os vendo atravessar silenciosa e paulatinamente as ruas e becos d'esta heroica cidade.

Em os observando, em a gente se aproximando d'elles, não tinha vontade de lhes dizer:—«Como passou, seu mascarado?», e sim murmurar, abraçando-os lacrimosamente:—«Consolai-vos, irmãos! nós não somos nada n'este mundo!»

A' vista de semelhante chifrinada, foi com o coração pesado e entristecido que á noite transpuzemos a porta dos clubs *Democraticos*, *Tenentes do Diabo* e outros, onde a sensaboria d'estes tres dias humidos e enlameados pelos limões de (*uá*) cheiro não conseguiu penetrar.

Ah! digamos em nome da verdade, os *Progressistas da Cidade Nova* fizeram brillantemente a sua passeiata. A's dez horas da noite de 17, a contento de uma multidão curiosa e soffrega, surgiu o prestito dos *Progressistas* na rua do Ouvidor.

Seis socios a cavallo e vestidos á ingleza vinham na frente. Em seguida a banda de musica, trazendo as suas figuras caprichosos barretes phrygios; após, o carro triumphal, onde um socio empunhava o estandarte do Club.

Carros descobertos traziam socios e mulheres fantaziadas com algum cuidado e esmero; enfrentava-os uma guarda de honra, montada em guapos cavallos. Um carro de idéas secundava-a. Via-se n'elle um grupo de capoeiras; d'entre cses desapparecia um sujeito para pouco depois apparecer em fórma de esqueleto sem calote—craneana, bem entendido—no pico de uma montanha. Após este carro, muitos senhores trajando becca e arminhos quasi que se *pegavam*, discutindo a celebre questão dos ossos.

Diversos entandartes, pertencentes aos grupos do club, empunhados por socios, iam em carros especiaes. Acompanhava-os um carro com uma allusão ás derradeiras questões eleitoraes e á politica actual; outro carro onde, assentado sobre um coração atravessado por uma setta, estava uma muther segurando um estandarte; depois mais outro carro de idea, onde uns quatro individuos ven-

dedores de vinho apregoavam de dentro de umas pipas a sua fazenda como superior e verdadeira; seguia-o um outro tendo uma allusão a um banquete politico, e finalmente um ultimo carro figurando uma sessão preparatoria onde deputados faziam uma barulhada infernal, discutindo diplomas contestados.

Uma banda de musica em carro especial fechava o prestito.

Brillaram os *Progressistas!* e talvez brillassem mais se houvesse em todos aquelles senhores que figuraram em carros de idea mais entusiasmo e mais espirito. Em todo o caso não lhes pouparam applausos.

Parabens aos *Progressistas!*

Os bailes que os *Tenentes do Diabo* e os *Democraticos* deram em seus salões e os *Fenianos* no Recreio Dramatico foram admiraveis, sumptuosos!

Não sabiamos que mais admirar: se o espirito sempre acceso e travesso, se a variadissima opulencia das fantasias ou se a amabilidade, a gentileza com que trataram os seus convidados.

E foi isso o carnaval.

A opinião geral é que elle morreu.

Veremos isso no anno vindouro

O carnaval de 86, entretanto, por peor que se resolva a ser, nunca será tão pião, tão pulha, tão fufio, tão lorpa, tão *jornal do commercio* como este.

Voltaremos ao assumpto... no anno que vem.

Andorinha, que emigra

(DAS ASPAZIAS)

Para que bosques foges, andorinha?
Por que emigras d'aqui?—Por esses ares,
Vais pôr teus pés gentis n'outros palmares?
Vais ser n'outro paiz tambem rainha?

Da concha branca, ó pérola marinha,
Se entre as vagas azues do mar rolares,
Quem sahe que esplendissimos altares
Terás do ouro e da luz, que lá se apinha?!

Deixas-me a sombra nos meus hyrtos braços;
E no ninho de sandalo, tão quente!...
Repete o aroma o hymno dos teus passos!...

E é isto apenas que minh'alma sente!...
Tu tens o amor dos sóes pelos espaços,
E contas, como os sóes, com Deus sómente.

LUIZ DELFINO.

Socorros á Andaluzia

Do Sr. Horacio Teixeira Antunes recebemos a quantia de 10\$. Está aberta em nosso escriptorio uma subscrição para o humanitario fim de minorar as desgraças ocasionadas em Hespanha pelos terremotos.

BANDO PRECATORIO

Sahe definitivamente amanhã, a esmo-lar pelas ruas em favor das victimas sobreviventes do terremoto de Andaluzia, o grande prestito formado pela commissão geral dos jornalistas da corte e por quasi todas as associações litterarias, beneficentes e recreativas que existem nesta capital, além de delegações de faculdades e collegios, que irão com os seus respectivos estandartes abrilhantar esta soberba e nunca vista festa de caridade.

O prestito será organizado ás 2 horas da tarde no campo da Acclamação, seguindo depois este

ITINERARIO

Ruas da Alfandega, Primeiro de Marco, Ouvidor, largo de S. Francisco de Paula, rua do Theatro, praça da Constituição (lado do theatro S. Pedro de Aleantara e Secretaria do Imperio), Visconde do Rio Branco, Lavradio, Arcos, Maranhuape, largo da Lapa, do Passeio, largo da Mãe do Bispo, Ajuda, S. José, Primeiro de Marco e Hospicio até ao campo da Acclamação.

BOLOS

A *Folha Nova* voltou á carga. Diz que não recebem as quatro paginas centras do n. 6 d'*A Semana*, apesar de as ter reclamado; e que foi pena, porque alguma tollice deviam ellas conter.

Ora graças a Deus, que chegou o dia de acertar e de ter razão! Com effeito, nas quatro paginas alludidas ha nada menos de quatro tollices... da *Folha Nova*. Leia a secção dos *Bolos*, pag. 6, 3.^a columna, 2.^o periodo, e verá.

E' uma consolação!

*

**

Dá-se entre nós e a folha dos guardalivros um phenomeno muito vulgar, muito repetido na nossa sociedade, e sobretudo, na nossa imprensa: Nós andamos a gastar uma boa parte do nosso precioso espaço transcrevendo, copiando textualmente, com a mais rigorosa fidelidade, as tollices da *Folha Nova*, e ella a dizer todos os domingos que somos nós quem escreve tollices—sem comtudo apontar ao menos uma!

Pede-nos que lhe mandemos o n. 6 e promete respigar então nas tollices. Pois lá lhe mandamos o n. 6; temos agora o direito de esperar a *respigação*.

Entretanto, sempre lhe diremos que, na acepção em que emprega a phrase, « respigar nas tollices » — é tollice.

O que a senhora devia dizer era: respigar as tollices.

Não lhe levamos nada pela lição.

*

**

Estamos muito desgostosos com o nosso querido *Escaravelho*. Não tem querido *zumbir* a nosso respeito, e isto commove-nos até ás lagrimas.

Venha de lá esse debique, seu velho. Não queira privar-nos da sua prosa semi-classica e desopilante; veja que andamos tristes e enfatiados. Bem vê que só a *Folha Nova*, embora seja um opulento ementario de sandiees, não pôde chegar para nos fazer rir durante uma semana inteira.

Venha de lá isso, pois.

Cuico FÉRULA

A VIDA ELEGANTE

Club do Engenho-Velho

Esplendido!

Temos ainda defronte dos nossos olhos a brilhante cadeia de pares, que, ao tom de uma bella marcha, deslisou pelas salas e corredores do Club, dando comeco á festa.

E' uma vertiginosa passagem de estrellas multicores; é um desfilar fantastico de deusas afeitoadas de flôres, de roupas preciosas, luzidas pedrarias, que vão por onde passam levantando o entusiasmo e expirando um ineffavel perfume de riqueza, de elegancia e de mocidade.

Aqui, vê-se um grupo de flôres; é um girasol que leva uma camelia pelo braço; é um lyrio que passa a conversar com uma tulipa; é um malmequer que acon-

panha a rosa; alli, um jardineiro segue de perto a aquella, a magnolia e a flôr de liz; mais adiante passa um mosqueiteiro, lançando olhares terriveis sobre um pierrot japonez; emquanto um cavalheiro da corte de Luiz XIV olha fascinado para uma formosa salteadora, cuja clavina e cujo punhal são muito menos perigosos do que as armas que ella traz no rosto.

Que olhos, meu Deus!

E em seguida é uma bella *Noite* que surge defronte de nós, toda constellada de estrellas, a fronte guarnecida por um diadema symbolico; mais além um velho apresenta a mão a uma adoravel sybilla e pede-lhe que declare o que lhe está reservado no futuro.

— Oh! responde a bella feiticeira— Não se impressione com o futuro, meu velho amigo, que elle não lhe trará tempestades; agora se eu quizesse fallar do passado... Então sim!

Mais além, vemos um alegre *pierrot*, legitimo, primitivo, que dá á festa uma nota pittoresca com a sua roupa côr de neve; um clown atravessa a sala em grandes pernadas comicas; um moleiro queixa-se a um andaluz de que seute muito calor; enquanto um Brantôme offerece ponehe a um dominó de pé pequenino.

E todo esse mundo elegantemente fantastico, espirituoso e alegre, dança, conversa, ri, agita-se nas salas, levantando um quente rumor de satisfação, que nos penetra até á alma.

Sómente ás 4 horas da madrugada findaram as danças, retirando-se todos satisfeitissimos.

Ao *Club do Engenho-Velho* os nossos applausos.

LORGNON.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

SENTA CARTA

« Sr. redactor.

Como lhe disse á semana passada, não era um sonho o que eu via na capella do cemiterio de S. Francisco Xavier.

O corpo havia mexido com a cabeça e repetira pouco depois o movimento como quem se debate na agonia de um pesadelo.

Quiz gritar e chamar por alguém, mas não pude, faltou-me a voz, e fiquei chumbado á grade da capella, sem conseguir fazer um movimento.

Entretanto, a noite avultava rapidamente e quasi que se não podia distinguir nada para dentro das grades. A lua que não costuma faltar ás scenas d'esta ordem, já lá estava no ceu n'um transbordamento de luzes prateadas, que melhor faziam destacar as casuarinas e as pedras brancas dos mausoleos.

Um rumor surdo, gemebundo, levantava-se tristemente do chão e de tal forma se casava ás sombras da noite, que parecia sahir de dentro dellas; dir-se-ia que a treva sussurrava derramando-se pelo valle, como uma enorme legião de espectros.

Com o luar não ha claro-escuro; e essa divisão rapida da luz e da treva sempre me produziu no espirito os mais imprevisitos e pavorosos effeitos.

Não sei porque, mas eu, que sou um homem de verdadeira coragem, quanto estou ao sol, tremo e fujo de tudo de baixo da mephistophelica influencia da lua.

E, de mais a mais, n'um cemiterio.— Calcule-se.

Aos meus olhos as campas se transformavam todas em grandes fantasmas sahidos das sepulturas; os cyprestes

eram frenéticos gigantes que conspiravam, debruçando-se uns sobre os outros, para se fallarem em segredo, e logo depois se apartarem horrorizados com o que ouviam.

Imagine-se!

Ah! Nem sei como ainda me podia ter nas perdas! O suor escorria-me por dentro do collarinho; o sangue espolinhava-se-me no coração, a cabeça andava-me a roda, a arder.

E cousa exqu岸ita, quanto mais me ardia a cabeça, tanto mais frios sentia eu os pés e as mãos.

Um frio incommodado, que parecia penetrar na carne em forma de agulhas em brazas.

E esse frio foi se estendendo pelas pernas e pelos braços, até se apoderar da minha região intestinal. Então, como se me apertassem o ventre com um cinturão de aço, comecei a sentir collicas e vontade de vomitar; faltava-me o ar nos pulmões e o peito parecia querer abrir-se para fóra em duas folhas, como uma janella.

Entretanto, o corpo de Castro Matta acabava de erguer-se a meio sobre a mesa de marmore e circumvagava em torno de si os olhos espavoridos e cheios de inconsciencia.

Com um supremo esforço fez um movimento para fugir; elle deu por mim levantou o braço descarnado e começou a chamar-me silenciosamente.

Depois ergueu-se de todo, lançou fóra da meza as pernas e saltou no chão, arastando a mortalla que lhe haviam prendido ao pescoço.

E com o solemne caminhar das figuras fantasticas de Goya, aproximou-se das grades em que eu estava.

O sangue agitou-se dentro de mim com mais força, o cinturão de aço parecia disposto a cortar-me de meio a meio pelo ventre, e os braços e as pernas principiavam-me a tremer convulsivamente.

Mais dous passos e estaria cara a cara com o maldito resuscitado; n'isto, porém, senti baterem-me de leve no hombro: Voltó-me.—defronte de meus olhos estava um vulto de homem.

Era alto, magro, de cabellos pretos e barba á ingleza.

— Eu sou Castro Malta! disse-me elle, batendo no peito com energia.

Mas, nesse instant e porta da capella abriu-se e o outro appareceu terrivelmente embrulhado na sua mortalla.

— Ah! disse o segundo Castro, recuando de braços abertos, e logo em seguida cahiu para traz, sem sentidos.

No entanto, o da mortalla se aproximou de mim e pediu-me que não me assustasse, como o outro, e fizesse o obsequio de dizer si eu era o guarda do cemiterio.

— Não senhor, respondi—sou um simples parente de um morto que se enterrou hoje.

— Ah! exclamou o resuscitado. — E' parente de um collega meu, logo posso contar com o senhor!

E o ladrão dizendo isto nem parecia que tinha morrido na vespera e que por um triz estivera para ser mettido dentro da terra.

— Muito forte deve ser o espirito d'este sujeito, pensei eu, a vel-o sorrir defronte de mim, como si nada lhe houvesse acontecido de extraordinario.

Não me pude conter e perguntei-lhe se havia ficado impressionado com o que lhe succedera.

— Não, disse-me elle muito naturalmente.—E ate estimei a minha supposta morte. De aqui a pouco lhe direi a razão porque. Si o senhor está resollvido a dar-me hospitalidade por esta noite, eu lhe contarei a minha historia e verá o amigo que, nem só não devo estar triste em ter resuscitado, como tambem não deveria ficar si tivesse morrido de veras.

— Bem, respondi.— Leval-o-hei comigo para casa, tenho interesse igualmente em conversar com o senhor.

Interrompemos, porém, a conversa, para cuidar do sujeito que perdera os sentidos. O da mortalla abaixou-se, apalpou-lhe a testa e os pulsos, e exclamou depois:

— Ora esta!

— Que é? interroguei.

— Pois você acredita? Este homem não se lembrou de morrer?...

— Morreu?

— Ora! Creio que até já fede! Este já não gustará mais farinha!

E voltando-se de todo para mim:

— Isto é o que se chama fortuna! A minha sahida do cemiterio, depois de estar inscripto nos livros dos mortos, iria talvez produzir grandes revoluções no outro mundo! Assim deixo alguém no meu lugar!

— Vae deixar esse homem no seu lugar?

— Certamente, e eu seria um asno se não aproveitasse a boa vontade com que o pobre rapaz morreu! Vou trocar o meu lugar com o d'elle. Eu era defunto e tinha uma mortalla; elle um vivo e tinha roupa, relógio e talvez dinheiro. Trocamos. Elle fica sobre a minha mesa de pedra e eu vou para a mesa do restaurant que o esperava. Já vê que não sou tão caipora, principalmente se attendermos para o facto de que o meu protector tem a minha estatura e que o seu ehapéu me serve.

Dizendo isto, o resuscitado collocára na cabeça o chapéu do outro, que apanhára do chão e, agora, de quartolla e amortalhado como estava, tinha alguma cousa de comico e de horrivel.

A graça é que eu, desde que me puz a frontal-los, achava-os igualmente parecidos com a photographia que me dera a Jeannite.

— Bem! tratemos de trocar as fatiotas, acrescentou o resuscitado, despindo o outro.

E, d'ahi a uma hora, o novo Castro Malta, competentemente amortalhado, ficava estendido sobre a mesa da capella; ao passo que o outro sahia do cemiterio pelo meu braço e dizia-me em ar de graça, consultando as algibeiras:

— Relógio, corrente de ouro, cincoenta e tantos mil reis em dinheiro e livre, livre como as azas. Mas de tudo isso o que eu herdei de melhor d'aquelle santo morto, foi este objecto!

E mostrou-me um cartão que tirára da carteira.

— Um cartão de visita?

— Sim. De hoje em diante já não existo para os meus credores e para os meus inimigos. Morri! Este que aqui vae pelo seu braço, chama-se...

E lendo o cartão:

— João Alves Castro Malta.

E acrescentou, fazendo parar um carro que passava:

— Durante a viagem lhe contarei tudo.

Sou de V S.

Att° cr°. e ven°. . .

TRATOS Á BOLA

D'esta vez recebemos seis cartas contendo decifrações.

Antes não as rebebermos! Muito mais prazer teríamos em repetir os *Tratos á bola* do que em receber as taes seis cartas, lel-as uma por uma, e... perder o nosso preciosissimo tempo.

Pódem limpar as mãos á parede, senhores charadistas! Que fiasco! Que papel! Que figura! fizeram os senhores. Santa Barbara!

Nunca pensámos que dessem tão máus tratos aos *Tratos!* Nunca: palavra de honral

Decididamente, se as cousas continuarem assim, em vez de cuidarmos com verdadeiro interesse dos *Tratos*, seremos obrigados a enche-los com *dificuldades* d'esta ordem:

1—1—Metade de rato, metade de gato: come queijo.

Seis cartas... e nenhuma decifração exacta!

Ora isto!...

Emfim... para que os senhores não fiquem zangados com *D. Pastel*, vamos apontar os seus erros como um pedagogo pachorrento.

O Sr. *Mysticus* nos disse que em negocios de charadas e zero. Tem toda a razão: é mesmo um grande zero. Se não sabe decifrar, procure quem lhe ensine, e não nos faça rir á sua custa—mandando decifrações impossiveis e pulhas. O engraçado é que ainda por cima, chama as nossas charadas de *duras!* Duro é elle!

O Sr. *Caleçon*, de Minas, errou na terceira das telegraphicas, no anagramma geographico e no poetico.

A Sra. *D. Paula A. Magalhães* errou tambem nos mesmos lugares e nada disse sobre o embroglio.

O Sr. *José Manuel da Silva* sómente nos mandou a decifração do anagramma geographico. Se queria abiscoitar o rico premio, decifrasse tudo o que houve nos *Tratos*.

O Sr. *Galdino Banquete* errou na terceira das telegraphicas e no anagramma poetico.

A Sra. *D. Empadinha (?)* errou no anagramma poetico e na charada em soneto. Que vergonha!

Eis aqui, senhores *fascudos*, as decifrações:

Do embroglio:

Eu era mudo e só na rocha de granito.

Por sobre a minha fronte a sombra do infinito...

Das telegraphicas:—*Chalça, Porta e Loto.*

Do anagramma geographico:—*Amazonas, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Sergipe e Ceará.*

E aquelles senhores a darem com o Pará. Qual Pará! Que sympathia exqu岸ita, a dos amiguinhos, pelo Pará!

Do anagramma poetico:—*Luiz Delphinio, Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Assis Brazil e Valentim Magalhães.*

Da charada em soneto:—*Bombacha.*

Viram?... Pois agora envergonhem-se!

Para hoje temos, para principiar, a seguinte extraordinaria novidade:

BENEDICTINAS.

Assim denominou o nosso excellente collaborador *Frei Antonio* a uma especie de charadas de sua invenção, as quaes, por sua extrema difficuldade, requerem uma paciencia benedictina.

Vamos explicital-as.

Aqui tem os senhores uma benedictina:

« Decifra: Caça. paty. soldo. »

Ao contrario de todas as outras, o conceito d'estas charadas vem no começo, é sempre a primeira palavra, e deve constar de tantas letras quantas as que tem a palavra da decifração. Assim, no exemplo dado o conceito é *Decifra* e a decifração tem sete letras, tantas quantas o conceito.

Para decifrar intercala-se um monosyllabo no meio de cada uma das palavras dadas, sem cortar syllaba.

Assim, no exemplo intercala-se á palavra *caça* a syllaba *cha*: teremos *ca-chaça*; á palavra *paty* a syllaba *pa*: teremos *pa-paty*; e á ultima palavra, *soldo*, a syllaba *do*: teremos *sol-dado*.

Unam-se agora as tres syllabas intercaladas encontrar-se-ha: a palavra *charrado*. E está decifrada a que demos para exemplo das *benedictinas*.

Agora apertem-se com esta:

« Ardenlo: *Catão, cito, bata.* »

E' força confessar que é muito bonita esta nova especie.

Agora este

LOGOGRIPO

(*Por letras*)

E' provincia brasileira—1,2,3,4
Onde se faz oração—2,3,4
De montanha sobranceira—11,12,13
Mais bojudo que um barão—7,8,1,2
Veio este peixe gostoso—7,8,9,12,13
Outra provincia das nossas—1,2,3,4,5,6
Finda o prazer, finda o gozo—9,10,11,12,13
Bicho que salta nas poças—3,4,5
Ave de plumas vistosas—6,3,9,3,2
Onde a gente mata a sede—12,8,10,2
Sobre as aguas marulhoas—12,11,3,10,2
A que um banho a gente pede—12,6,10,8,2
Com esta por sobre os hombros—10,4,7,13
Vou devorá-la com pão—7,13,1,4
E vou caçal-a aos escombros—1,6,10,13
Dos montes d'este barão.

TELEGRAPHICAS (*)

1—1—Polpa de linho.
1—1—Calma é panno.
1—1—1—Patada de navio.

TIBURCIANAS (**)

1—1—2—Da contracção da Polonia e de uma ave resulta um guerreiro.
2—1—Acima, acima, e acima.

ANTIGA

Sou sempre encontrada
Na frente de alguém—1
Servindo de base,—1
De lingua tambem—2

Conceito

Eu fui arrastado
Pelo mundo inteiro,
Levava-me um velho
Feio e forasteiro.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto damos o premio já offerecido no n. 7: um exemplar dos *Nocturnos* de Gonçalves Crespo, luxuosamente encadernado. Ao segundo um exemplar do delicioso tango « *A Semana* — 100 reis! » ultima novidade musical.

Srs. claradistas, vejam se fazem com estes *Tratos* o que fizeram com os do n. 7; ha de ser muito bonito!

Os premios são convidativos como dois bellos olhos de morena.

Um pouco de engenho e arte e terão conquistado os olhos... quero dizer: — os premios.

E até sabbado, meus senhores.

D. PASTEL.

Recebemos:

— *Bom dia*; polka para piano pelo professor Henrique Rody Corrêa. Gentil pianista, a quem offerecemos o nosso exemplar para ver que tal era o *Bom dia*, diz-nos que e muito *chic* e que faria dansar o proprio Santo Antonio.

— *Revista Illustrada*; n. 401. Texto e desenhos interessantes, mas tratando de assumptos passados. O lapis do Angelo fez diabruras a proposito das manifestações politicas e do caso Malta.

Achamos graça nas caricaturas, mas pedimos-lhes licença para observar-lhe que este numero da *Revista* é um verdadeiro « pateo dos bichos ». Macacos, gatos, burros, camellos, tintureiras...

(*) Esta especie foi explicada em o nosso n. 5.

(**) Foi explicada esta especie em o nosso n. 6.

Só faltou o *Frei Thomas Pachidrome*. Pareceu-nos pilheria injusta e pouco delicada passar diploma de burros e camellos aos illustres membros da commissão de peritos.

E demais—está tão surrada esta chapa de cabeças asininas!...

— *Mequetrefe*; n. 365. Bem bom. A pagina *Entre dois balcões* tem graça e está bem desenhada. Agradecemos ao espirituoso *textista* as seguintes palavras com que recebeu o nosso 6º numero: « *A Semana* é a revista litteraria que actualmente se lê com mais satisfação. »

— *Vespa*; ns. 5 e 6. Bravos! Andar assim é bom andar. Texto excellento, caricaturas cuidadas e chistosas. Aquella piada com o cupido velho, « que tem pansa e pinta o bigode » é bastante feliz.

— *El echo de Espana*; ns. 1, 2 e 3, órgão dos interesses da colonia hespanhola no Rio de Janeiro.

— *Andréa, a feiticeira*; drama em 1 prologo, 4 actos e 6 quadros, extrahido de uma das obras primas de Emilio Richebourg, por Adrião de Castro.

— *A Republica*, versos por H. Freire Junior.

— *Mariposas*, poesias de Alfredo Rocha, (natural da Bahia). A' secção *Poesia e Poetas*.

— Relatorio e synopse dos trabalhos da camara dos Srs. deputados na secção do anno de 1884, organizados na secretaria da mesma camara.

— *A Distração*; n. 19—Muito distractiva.

— *O Raio*; n. 2.—Começa assim o artigo de fundo:

« A sociedade d'esta capital está debaixo d'aquella impressão, duvida ou pavor que *evadio* a côrte de Balthazar quando appareceram aquellas *fatidigas* palavras: *Mané Thécel*, etc. » Parece incrível, seu *Mané*!...

— *O Ensaio*, anno I, n. 6. Redactores M. Castagnino, A. Leite e F. Silva. Interessantes artigos; impressão esplendida.

TITANIA

Vamos, minha bella rainha.

SHAKESPEARE.

Titania, ao lado o Rei que aos Elfos manda, assoma Na floresta encantada, á luz da lua. « Abri-vos, Ramos verdes! De flôr de penetrante aroma, Móveis arcanos festões, vendo-a passar, cobri-vos!

Em alas, troncos mil de virilante coma, Onde em fôfo aranhol de abroçados crivos Brilha o orvalho, que a luz das finas pedras toma... Eis Titania! De pé, meus válidos captivos! »

Tal a voz de Oberon vai proclamando, e, em cheio Da trompa, que da cinta elle suspende e embôca, Esfuzia, e desperta o grande bosque, em meio

Da noite. Enquanto a lua enorme esplende; e a gruta Longe as letras do canto apaixonado avoca, Abre o onvicio de pedra e attentamente escuta.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

Foi nomeado em dias deste mez inspector geral da instrucção publica o Dr. Emygdio Victorio da Costa. E' caso para se felicitar sinceramente a instrucção publica e o governo, por haver feito tão acertada nomeação.

CORREIO

SR. CARMO GAMA.—A sua poesia *O porvir* não é boa, nem soffrivel, nem má; é (tenha paciencia)—pessima.

O Senhor, pelos modos, escreve versos ha muito tempo. não é?

E... se não os escrevesses mais não seria tão bom?

Não seria?

SR. BOCAGE FILHO.—Lemos os—*Teus bordados* e como somos inimigos das imitações não publicamos o seu soneto. Mande cousa mais original e menos suja.

SR. GALDINO BANQUETE.—O seu *triolet* é damnado. Coitadinho! tão ruim, tão ruimzinho que faz dó.

Decididamente quem tem *banquete* por appellido não pôde escrever nada que preste.

Mude de rumo e de vida. Mas conserve o appellido que é... succulento.

SR. OSTRALAPIS.—O senhor além de nos atirar umas phrases em latim, deseja saber de que morreu o Neves...

Pois vai sabel-o, seu *Ostra*:

O Neves morreu d'esta molestia, que é tambem o seu mal—*Camellorite* aguda.

Está satisfeito?

Se não está, pôde ir fazer... palitos, que é muito melhor.

CONSULTAS

A' consulta medica que nos enviou o Sr. Joaquim Marques de Oliveira, deviamos responder por carta, como costumamos; tendo porém S. S. esquecido indicar na sua carta a residencia do consultante e não podendo nós descobri-la, publicamos em seguida a resposta, dada por um dos distinctos facultativos aos quaes está confiada a ardua tarefa de responder ás consultas medicas.

Eis a resposta á

Consulta medica

Consultaram-nos sobre o tratamento que deverá seguir um individuo de 66 annos de idade, e que tem já usado, ha muito, de grande numero de medicamentos, sem obter resultado satisfatorio.

Na descripção que nos enviaram comecam por declarar que a molestia do individuo é uma *cystite*.

Não podemos responder immediatamente á consulta porque achamos de utilidade fazer umas ligeiras perguntas, para que fique bem firmada a questião e por consequencia racionalmente aconselhado o tratamento.

Existirá, com effeito, uma *cystite*? A ser assim, qual será a sua causa? Limitar-se-ha ao collo da bexiga, ou será geral?

Pela narração que temos sobre a mesa de trabalho não nos é possível determinar se realmente se trata de tal affecção; porque, se nos fallam nas perturbações da urina, na dor do hypogastro e em alguns symptomas para explicar a molestia,—e a que os profissionaes chamam *symptomatologia geral*;—faltam-nos, entretanto, outros que são importantissimos.

Não temos elementos para recisar-lhe a causa, pois que só a exploração da *urethra*, da *prostata* e da *bexiga* nos poderiam guiar, assim como nos achamos tambem diante da difficuldade de dar uma verdadeira solução ao terceiro problema, porque nenhum profissionario ignora que as *cystites do collo* têm alguns caracteres especiaes.

A *dor*, que nos citam, tornar-ha mais intensa no fim da micção? Notar-se-ha nas ultimas gottas da urina a existencia de sangue ou de pus? O doente será atormentado por *tenesmos vesical* ou *rectal* e haverá retenção de urina?

A' primeira vista parecerá a quem

nos consulta que estas interrogações não têm o menor valor, desde que o seu fim principal é saber se haverá ainda na therapeutica mais algum medicamento capaz de trazer a cura do doente, ou melhora-lo, pois que nos faz sciente do grande numero de remedios de que tem feito uso, na convicção de ser uma *cystite*.

Assim, porém, não acontece.

As respostas ás consultas dirigidas á *Semana*, devendo ter o caracter serio e valioso que costuma acompanhá-las, necessitam de bases solidas e verdadeiras para terem uma solução de merito.

Como poderá um clinico fazer a prescripção ao seu doente, sem elementos claros e precisos para o diagnostico da molestia?

Se o espirito do pratico, ainda o mais encançado na sciencia, oscilla muitas vezes perante a mais simples affecção; se ha d'esses embaraços no reconhecimento de uma lesão qualquer, o que não será para aquellas cuja symptomatologia não é bem esclarecida e nada apresenta para um juizo certo e seguro?

Na clinica põe o medico em contribuição todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo das diversas sciencias e tem ainda de attender a um sem numero de circumstancias, para chegar a uma verdadeira apreciação dos symptomas, que na phrase feliz de Galeno, acompanham a molestia *sicut umbra sequitur corpus!*

Suppondo ser uma *cystite* a molestia de que se trata, a medicação deverá preencher diversos fins:

« Fazer desaparecer *calculos, estreitamento da urethra*; o que é uma indicação capital.

« Oppôr-se á parada da urina na bexiga.

« Acalmar a intensidade da inflamação.

« Modificar o estado da mucosa.

« Não fatigar a bexiga.

« Acalmar as dores.

« Prevenir a decomposição da urina na bexiga. »

Como se vê, portanto, a consulta que nos dirigiram é cheia de difficuldades, e acreditamos mesmo que só na presença do doente é que poder-se-ha chegar ao conhecimento da molestia, e então, depois de minucioso exame instituir a medicação que lhe convém.

O nosso amavel consultante não deve ignorar que, se ha consultas facéis, a que se pôde responder promptamente, ha outras que são como esta.

Concluindo, pedimos que, ao nos dirigirem d'estas perguntas, se esforcem por esclarecel-as o mais que puderem.

DR. HENRIQUE DE SÁ.

A' consulta juridica do Sr. José Queiroz de Lima respondemos por carta no dia 19 do corrente, enviando-lhe juntamente a cópia da procuração pedida.

Mais uma vez rogamos a todos os Srs. assignantes que nos honrarem com as suas consultas o obsequio de indicarem precisamente a sua residencia, a data e o nome do consultante.

E' indispensável que as consultas sejam feitas com a maxima claresa e minuciosidade, afim de que possam obter a devida resposta.

ANNUNCIOS

Externato João de Deus

Aulas primarias e secundarias

60 — RUA SETE DE SETEMBRO — 60

TISICA PULMONAR HERVA HOMERIANA



Remedio poderoso e eficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta, licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approvedo por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principais drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

A SEMANA

Accepta annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 25 cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 reis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 15 a linha.

DIARIO MERCANTIL

PROPRIEDADE DE UMA
ASSOCIAÇÃO DE COMMERCIAENTES

DE

S. PAULO

Redactores: Gaspar da Silva
e Léo d'Afonseca

O **Diario Mercantil** é actualmente uma das folhas de maior circulação nas provincias de S. Paulo e Minas, offerecendo por isso grande vantagem aos annunciantes.

Correspondentes especiais em todas as localidades importantes da provincia de S. Paulo, e bem assim no Ri de Janeiro, em Lisboa, Coimbra e Pariz.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á empresa do **Diario Mercantil**, caixa do correio n. 21. S. Paulo.

119

RUA SETE DE SETEMBRO CASA DO AYRES

Os proprietarios d'este estabelecimento aannunciam os seus freguezes e ao respeitavel publico que mudaram-se da rua do Carmo n. 22, para á rua Sete de Setembro n. 119, aonde esperam merecer a mesma protecção que sempre lhes dispensaram, continuando a vender suas fazendas por preços baratissimos.

Chitas francezas, metro 200 rs.

Oxford encorpado, metro 200 rs.

Saias de chita, uma 18500.

Ditas de popeline de seda, uma 38000.

Grande quantidade de lã e seda para vestidos, metro 500, 600 e 800 rs.

Brim branco de linho trançado, para calça, metro 18500.

Dito de côres, metro 600 rs.

Cassinetas enfiadas, para roupa de homens e meninos, metro 28000.

Merinós pretos superiores, metro 18, 18500, 28 e 28400.

Ditos de côres, grande sortimento, metro 18800.

Damassé branco, superior, metro 900 e 18000.

Setinetas lisas e lavradas, metro 800 rs.

Setim listrado, alta novidade, metro 18800.

Percalines, alta novidade, metro 700 rs.

Percalines e chitas em cretonne, metro 400 e 480 rs.

Lãs e seda, novidade, metro 1800.

Fustão branco de cordao, metro 700 e 900 rs.

Cretonne francez, para lençoes, metro 800, 18, 18200 e 18450.

Filo muito largo, para cortinados, metro 28800.

Crochet para cortinas e cortinados 18 e 28000.

Velludinho de todas as côres, metro 28000.

Peças de musselina branca, a 48000.

Nanzouk muito fino, metro 800, 900 e 18200.

Morim e algodões

Peças de morim, a 18000.

Ditas de cambrinha, a 18500.

Morim encorpado de 40 jardas, por 108000.

Dito especial para camisas, peças com 30 meiros a 48500, 58, 68 e 78000.

Dito trançado superior, peça com 20 metros, a 118000.

Dito fino especial, peça 88000.

Peças de algodão, a 18200, 18800, 28, 28400 e 38000.

Algodão enfiado para lençoes, peça 58, 78, 88500 e 98500.

Dito trançado para toalhas, metro 18.

Atoalhado para mesa, metro 18400 e 18900.

Dito de linho branco e de côres, metro a 28800.

Colchas brancas acolchoadas, a 78 e 88000.

Ditas brancas e de côres, com franjas, a 38, 48 e 58500.

Guardanapos grandes, duzia 78 e 98.

Meias para homens, ditas para senhora, ditos para meninas e meninos, grande quantidade.

Lenços de linho de todos os preços.

Camisas de linho para homens, caixa com meia duzia, a 98 e 288000.

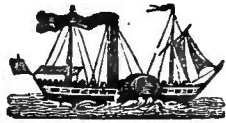
Enxovoes para baptisados, a 98, 128, 158 e 208000.

N 119

RUA SETE DE SETEMBRO

ENTRE A RUA DA CRUGUAYANA E TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Martins Teixeira & C.



ARMARINHO YPIRANGA

LEÃO HORACIO & C.

37 Rua Sete de Setembro 37

QUASI EM FRENTE A' RUA NOVA DO OUVIDOR.

Modas e Novidades

Artigos diversos

TUDO A PREÇOS BARATISSIMOS

Remettem encomendas para o interior e vendem em porção e a varejo.

LIVROS NOVOS

Acceptam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira.

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro Luiz DELFINO.

AURORAS

poesias de Alfredo de Souza.

O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida. — 3\$000.

DIARIO MERCANTIL

PROPRIEDADE DE UMA

ASSOCIAÇÃO DE COMMERCiantES

DE

S. PAULO

Redactores: Gaspar da Silva e Léo d'Affonseca

O **Diario Mercantil** é actualmente uma das folhas de maior circulação nas provincias de S. Paulo e Minas, offerecendo por isso grande vantagem aos annunciantes.

Correspondentes especiaes em todas as localidades importantes da provincia de S. Paulo, e bem assim no Rio de Janeiro, em Lisboa, Coimbra e Pariz.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á empresa do **Diario Mercantil**, caixa do correio n. 21, S. Paulo.



“A SEMANA” --- 100 RS.

DELICIOSO TANGO

COMPOSTO E OFFERECIDO POR

Ernesto de Souza

conhecido [auctor do tango **Setim**, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'**A Semana**.

Vende-se no escriptorio desta folha, a

1\$000

RESTAURANT VOLTAIRE

29 Rua da Uruguayana 29

Almoço \$800

Jantar 1\$000

SERVIÇO ASSEIADO E PROFUSO

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

RESTAURANT VOLTAIRE

A Semana

Accepta annuncios nas seguintes condicções:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção. 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.

CASA DO AYROSA

10 RUA SETE DE SETEMBRO 10

Fazendas e modas, roupa feita e armario